## EXPEDIENTE.

—Não póde ter cabida, em o nosso jornal, o artigo, que se nos remetteu, ácerca dos parochos, não tanto pela materia, que é urgente e de consideração, como pela maneira como os factos ahi se apontam.

—O artigo do Sr. Massa, ácerca da—Afilhada do Barão—não se publica hoje por falta de espaço.

—Recebemos os artigos com que nos honrou o Sr. José Maria da Costa e Silva.

—O artigo, ácerca do *Jornal da Sociedade Catholica*, não o publicaremos por não ser a proposito, pois que esse jornal é antigo, e a opinião publica já deve estar formada a seu respeito. Confessamos que nos conformamos com as judiciosas observações feitas pelo nosso respeitavel collaborador.

*Publicações recebidas.—O Agricultor Michaelense*, n.° 2. Assigna-se e vende-se na rua Augusta n.° 8.

*Jornal de Pharmacia e Sciencias Acessorias*, do mez de abril.

*Exhortações que um director deve fazer ás suas confessadas*, pelo padre Leonardo Antonio Machado.

*Pharol*, periodico de instrucção e recreio, n.° 3

*Elogio historico do Em.° e Rv.° Sr. D. Guilherme I Cardeal Patriarcha de Lisboa*, por A. O. de Campos e Silva, segunda edição.

Francisci Antoni Martins Bastos, *linguæ latinæ professoris B. Mariæ Virg. A Conceptione in collegio lyrico. Preclarissimo viro Josepho Ignatio Andrade Dicata.*

# CONHECIMENTOS UTEIS.

## A SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE E O SEU JORNAL.

341 Foi sempre para nós artigo de fé, que o fomento dos nossos interesses economicos não estava só dependente do governo.

Em as nações, que se começam a civilisar, conforme os preceitos da nova organisação social, é pratica antiga e mui sabida o estarem todos de braços cruzados a olharem para as pastas dos ministros como se fossem cornucopias fabulosas, donde cahisse copia abundante de prosperidade publica.

Não fazer nada, esperando que tudo se faça—eis aqui a maxima em que se póde traduzir esta somnolencia chronica, que embota os interesses da nossa terra, e que apenas é interrompida por algum espreguiçamento com visos de subito acordar.

¿Onde está o preceito da egreja, que manda acreditar em que o Espirito Santo desce sobre a cabeça de seis homens, logo que lhes mettem as pastas debaixo do braço? Ainda que todos fossem verdadeiros apostolos da nova lei da civilisação, ainda que todos estivessem iniciados no segredo de transformar um paiz pobre em um paiz rico, os seus mais louvaveis dezejos manifestados por meio de sabias e judiciosas providencias seriam todos frustrados, se esse povo desconhecendo os principios da associação, não deixasse de se conservar isolado a carpir sua miseria, comendo o pão que a terra lhe dá quasi espontaneamente e deixando alquebrar o corpo á restea do sol, que tanto sabe cantar e que tam pouco sabe aproveitar.

Somos um paiz agricola.—Devemos cuidar seriamente da nossa agricultura—são as palavras sacramentaes com que se pertende melhorar a triste sorte desta malfadada terra. Estão repetidas até a saciedade e ao cabo onde estão as nossas associações agricolas? Onde estão as quintas modelos? onde estão as publicações agricolas, que tanto se precisam e as escolas que fazem sahir a agricultura do acanhado campo da rotina, para um campo tam vasto como a sciencia? Algumas destas coisas andam por ahi escriptas, e só escriptas, outras nem ainda mereceram as honras da caligraphia, quanto mais as de uma discussão profunda ou de uma applicação proveitosa.

Em quanto o continente do reino se embriaga com a fagueira esperança de colher sem semear, admiremos—o raro esforço—o santo amor da patria com que além dos mares, em uma das nossas ilhas se está erguendo um verdadeiro padrão da nossa gloria.

Sirva de licção ao menos tam salutar exemplo.—Parece incrivel mas ahi está patente a todos: em uma das nossas ilhas se funda a nossa primeira Sociedade Promotora da Agricultura e se publica pela vez primeira um jornal puramente agricola!

Quem por experiencia propria conhece as difficuldades immensas, que é mister vencer para alcançar taes resultados; quem sabe que o animo mais ousado corre grande risco de se amortecer vencido por inuteis esforços; comprehenderá, que não ha louvor que baste para tributar aos benemeritos fundadores da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, e do jornal—O Agricultor Michaelense—bem como ao distincto escriptor, que foi esconder a sua lyra de oiro na choça do lavrador, e que sahiu do templo da historia onde ensinava como mestre para ser apostolo dos melhoramentos agricolas, ensinando pelos campos como a intelligencia e o suor do homem fertilizam a terra sempre tam grata ao trabalho.

É mister que o continente aproveite esta licção.—Não sabemos adular, e, francamente o confessamos, que nos tem magoado a falta de auxilio, que temos recebido dos nossos agricultores.

Quando deixarmos a redacção deste jornal não nos pesará na consciencia o havermos desamparado os interesses agricolas. Desde o primeiro numero da nossa redacção até ao ultimo não ha-de haver um em que não figurem. Queriamos vêr secundado este nosso empenho e o de alguns poucos mas illustres collaboradores, que em tal ponto nos teem coadjuvado.

Mais de uma vez o temos declarado e ainda hoje o fazemos, que as columnas deste jornal estão francas para tudo quanto directa ou indirectamente possa ser util á nossa agricultura, e que receberemos sempre os artigos, que a tam importante assumpto se referirem, com o maior alvoroço e satisfação.

A Revista foi dos primeiros jornaes que abriu as discussões agricolas nesta terra, e que deu publicidade aos novos methodos de cultura. Vae em sete annos, que não falta á sua missão. Se Deus permittir, ha-de continua-la, e por estes motivos mais do que ninguem exulta vendo a quadra prospera em que vae entrar a Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, pois que na existencia de tão utilissima sociedade vê um forte incentivo para que outras se fundem no reino, com o mesmo louvavel intuito.

O objecto é para nós de tanta monta, que vamos consagrar-lhe algumas linhas com a melhor vontade e

os mais scinceros desejos de que a Sociedade e o seu jornal, tenham a illimitada duração, que tanto merecem.

A sociedade promotora da Agricultura Michaelense foi fundada em 1843, e apenas em principio já contava 64 socios. Logo em começo publicou o seu jornal, que infelizmente deixou de apparecer, quando alguns dos animos esforçados que haviam tentado tão ardua empreza, começavam a mostrar-se desfalecidos, e faltos de fé, na grande obra que haviam começado a preparar. — Este abatimento momentaneo, poderia ter passado, e até poderia ter promovido o desenvolvimento de novos brios, se o facho da discordia civil se não houvera sacudido sobre o reino, dividindo muitos bons desejos e nobres intentos. É uma fatalidade ligada á guerra — Sempre destroe. Seja qual for a sua origem, possa denominar-se justa ou injusta os apostolos da paz curvam a cabeça, deixam passar a tempestade, e depois voltam ao seu antigo posto para levarem ao cabo a pacifica regeneração da sociedade. Assim procederam os mui distinctos socios da Sociedade promotora da Agricultura Michaelense. Mal que a paz começa a estender sobre a patria a sua sombra benefica, ei-los de novo discutindo e promovendo os mais queridos interesses da agricultura, e comprehendendo o espirito do seculo, bradando no primeiro documento da sua nova existencia « As nossas armas são as palavras e a persuasão, da sua força é que pende a victoria (1). As palavras succedem se rapidamente ás obras, e o *Agricultor Michaelense* redigido pelo Sr. Antonio Feliciano de Castilho, começa a realisação do grandioso pensamento da Sociedade.

Eisaqui a maneira como a Direcção annunciava á Sociedade a boa fortuna de entregar o seu jornal ao saber e ao amor, que o Sr. Castilho costuma tão do coração consagrar ás coisas uteis da nossa patria.

« . . . vamos causar-vos uma agradabilissima surpreza a communicando-vos que um dos maiores Ingenhos « Portuguezes, a quem coube a sorte dos grandes ho- « mens — a ingratidão da Patria — e que longe della « foi arremeçado para o nosso seio, nos prestará a « arma poderosissima da sua voz e espirito . . . . . Já « tereis pronunciado o nome do Sr. Dr. Antonio Fe- « liciano de Castilho; este insigne Litterato, que « nunca em nossas mais elevadas aspirações imaginá- « mos poderia ser ainda o nosso farol de salvação, « não se despreza, antes mui obsequiozamente se di- « gnou a aceitar, um convite, que em vosso nome « lhe dirigimos, rogando-lhe com muito encarecimen- « to se quizesse encarregar da redacção do Jornal « Agricola d'esta Sociedade. O seu nome, e a sua « generosidade dizem tudo. Esperamos que delibereis « definitivamente a reapariçio do Jornal desta Socie- « dade; que voteis agradecimentos á obsequiosa con- « descendencia do Sr. Dr. Antonio Feliciano de Cas- « tilho.

Assim é que delicadamente se recompensa o genio e a boa vontade, assim é que as almas elevadas sabem captivar a intelligencia, que repelle sempre com justa indignação qualquer idea mesquinha, que não traga o cunho do respeito e da consideração.

(1) Vide em o n.º 1. do Agricultor Michaelense o bem elaborado Relatorio da direcção da Sociedade.

Alegramo-nos vendo tão devidamente avaliar o merito e os dezejos do fundador da Revista, que tão indevidamente estamos substituindo. Oxalá que as attenções, os cuidados, e respeitos que o cercam nesse exilio que nos rouba um amigo, possam matar as saudades da patria no coração que todo se vae abrir ao reconhecimento.

Os dois numeros publicados do — *Agricultor Michaelense* são como se esperava uma obra de amor, de enthusiasmo e de infatigaveis esforços.

O prologo é brilhante. O Redactor para fallar com o publico escondeu-se entre a ramagem dos bosques, subiu ao pincaro das serras; mas atravez dessa ramagem devisamos a lyra do cantor da Primavera, e o echo do valle trouxe-nos pensamentos profundos do philosopho pintor dos nossos Quadros Historicos. — Entre a corôa mimosa que o Sr. Castilho andou colhendo pelos campos para adornar o *Agricultor*, no seu novo apparecimento, ha joias de subido preço. Entre o matiz das flores e o luzeiro das joias enxergamos algumas dessas verdades, que só a experiencia ensina, e que para aqui trasladâmos, para ao menos nos consolarmos do pezar que temos, de que tam perigrino aderece não seja adorno desta pobre orphã de tam bom pae, que nós estamos distraindo das saudades com que se fina, por lhe faltarem as galas com que semanalmente a mimoseava o seu fundador e primeiro Redactor.

Passemos a trasladar os trechos que nos encantaram.

« Um só, de todos os assumptos imaginaveis, e pos- « siveis, só um, sera defezo ás nossas paginas; esse « assumpto, (já que é forçoso designal-o) é o que, « bem ou mal, chamam politica por esse mundo. »

« A *Sociedade* quiz obra de amor; e a Politica, é « por ora um dissolvente. A terra não póde senão flo- « recer, e fructificar; e a Politica é por ora tempo- « ral desatado, e assolador; accreditamos na Providen- « cia; e sabemos que nos tufões, que derrubam, na « materia do raio, que pulverisa, nas innundações, « que devastam e afogam, vai muitas vezes fecundida- « dade no porvir; mas o porvir que entôe os seus ho- « sannas á Politica, lá quando em dourada e segura « paz se estiver saboreando, no que esta geração, á « custa de tantas lagrimas e sangue, lhe grangea. A « Politica, poderá seguir-se o Amor, e a União, fun- « damentos principaes das familias, e dos povos, mas « hoje, que ella referve ainda em cahos; que é odio « e guerra; que, se funda, é como Romulo, regan- « do com sangue fraternal as suas fundações. . . . . »

A estas palavras tristemente verdadeiras, segue a confissão de haver outr'ora sacrificado as Musas no altar da Pallas Politica, e a despedida que para sempre faz até do nome da Politica. — Ainda bem que aquella alma casta e inspirada nos pertence toda. Nós que ainda não sacrificámos a essa divindade pagãa nem o mais remoto pensamento, agradecemos a Deus o haver permittido que as phalanges da unica e verdadeira regeneração social fossem reforçadas com tam intrepido campeão. Se muitos talentos, que por ahi se andam esterilisando no pugilato Politico, imitassem o nobre exemplo do Sr. Dr. Castilho, não haveria no paiz se não um partido, o da sua verdadeira prosperidade.

As considerações que o prologo encerra com referencia á importancia da agricultura são de muito peso, e os seguintes periodos não pódem fugir-nos do pensamento.

«Ouvis nas cidades grandes aquelle sussuro profun-
« do de mil vozes, como bramir de Oceano? — É o
« estrepito da industria, o trafego do commercio, a
« ebriedade das mesas, o vozear dos espectaculos: —
« Que fada produzio e conserva tudo isso? — A Agri-
« cultura.»

«Vêde os exercitos, esse espantoso numero de con-
« summidores improductivos, esses celibatarios mi-
« nistros da religião da morte? — Quem os gerou?
« ¿Quem os renova? ¿Quem os alimenta. — O chão
« pacifico da lavoura.»

«Que povoação, não creada por Deos, anima, cru-
« za, devassa todos esses mares! Esses portentos da
« Sciencia e ousadia do homem, que affrontam com
« victoria ventos e ondas, já pelas montanhas vege-
« taram, floriram, hospedaram ninhos e musicas: as
« suas azas candidas, que os levam de extremo a ex-
« tremo do globo, as tranças ondeadas das suas enxar-
« cias... foram linhares florescentes, onde as virações
« se embalavam; a epiderme grossa e negra que lhes
« reveste o corpo, e lh'o torna, como dos monstros
« marinhos inviolavel á agua, estillou-se do pinheiro
« queimado em succo denegrido; gotejou de outros
« troncos em resinas balsamicas, creou-se nos ossos do
« animal, que arrasta o carro e o arado; espremeu-
« se em oiro liquido o fructo luzidio da oliveira.»

. . . . . .

« No haver a natureza preparado de sua mão a ter-
« ra para poder nutrir milhares de variedades vege-
« taes e animaes, nos ensina tacitamente a não limi-
« tarmos no cultivo as nossas cubiças . . . . .
« Embora os laranjaes se averguem aqui de verdadei-
« ros fructos de oiro: se essa arvore cobre hoje a terra
« de opulencia, um insecto microscopico póde mata-
« la; o commercio voltando-lhe as costas, a póde não
« menos deixar morrer. Mais geral, mais procurada,
« e mais prodiga de thesouros, havia já sido nesta re-
« gião a herva do *Pastel*, a formosa antecessora do
« *Anil*: duram as possantes casas que ella erigiu e
« dotou; e ella? — Ella, feneceu, mal que a desde-
« nhou a moda . . . Um só vegetal (não cançaremos
« de repeti-lo) póde só eventualmente enriquecer um
« paiz: o chá é o Pactólo da China, a canna de assu-
« car o foi da America; o Vivarais transformou-se de
« charneca em paraizo, á sombra da amoreira; um
« musgo nos penedos marinhos de Cabo-Verde foi pro-
« curado á porfia, e com bolsa na mão pelos merca-
« dores. — Quem abastou o nosso Algarve? — A figuei-
« ra: o nosso Alémtejo? — o trigo: o nosso Minho?
« — a videira. ¿Mas todos esses paizes não tem já sen-
« tido, mais ou menos, estremecer e variar d'impor-
« tancia a sua planta de condão, pela concorrencia de
« outras plantas analogas, ou pela cultura da mesma
« em outras partes? Se o pomareiro de S. Miguel não
« tivera nas memorias domesticas, por onde aprender
« cautelas, bastaria, para o tornar prudente, o exemplo
« do seu convisinho nesta cidade, o vinhateiro Madei-
« rense, hontem, a contar milhões debaixo das par-
« reiras da Johanniberg marinha, da sua voluptuaria
« Naxos do Oceano! — E hoje... sobre o mesmo torrão,
« ainda feracissimo, a pedir esmola!»

Não acabavamos de trasladar, se nos deixassemos seduzir por aquelle magico encanto, que o assumpto e o estylo communicam ás paginas do *Agricultor*.

Neste jornal não saudamos um collega; abraçamos um irmão; por isso fomos mais extensos na felecitação, que tam cordialmente dirigimos aos nossos compatriotas de além mar, mas ainda o não fomos tanto como pediam o dezejo e o dever.

Permitisse Deus, que á vista de tam nobre exemplo, os espreguiçamentos da indolencia, que entorpecem os interesses do continente, se convertessem em um acordar tam proveitoso como o da antiga Sociedade promotora da Agricultura Michaelense.

---

## QUESTÃO VINICOLA.

342 He bom que a imprensa tome conta das questões economicas, e que exclareça e defina, pela analyze e pela discussão os nossos interesses agricolas e commerciaes. A nossa pobre e obscura penna lisonjêa-se de ter levantado a questão vinicola, e de vêr já empenhada na lide, outra d'um escriptor, por certo mais feliz, e mais competente, para tractar esta especialidade. Ora lá que os esforços da imprensa sejam mais duradouras e proficuas do que as luctas da associação vinhateira.

Desgraçadamente a imprensa entre nós corresponde mal ás condições da sua instituição. Faltam-nos os jornaes especiaes, e esta falta é um triste documento da nossa rudeza e do nosso atrazo. A imprensa politica, — talvez poucas excepções — desauthoriza se e gasta-se, no revolver o passado, e em escrever com affan, e com um ardor imperdoavel, ás recriminações mais inuteis e inconvenientes. Quizeramos do coração, que a imprensa comprehendesse melhor o seu sacerdocio, e que muitos e bons soldados que pelejam neste honroso campo, se não esquecessem, que o *futuro*, é o unico conforto, e a unica esperança, que nos restam de tanto desatino, e de tanto tempo perdido esterilmente!

A Revista é só o jornal agricola e industrial que possuimos. As suas dimensões são acanhadas para abranger tantas especialidades. Porque não cria, ou porque não subsidia o governo um jornal exclusivamente economico, barato e modesto, adaptado a todas as intelligencias, e cabedaes? Escaceiam lhe por ventura recursos proprios para o diffundir e sustentar? E quando escacêem, não fôra mais util e mais civilisador, aplicar para o subsidio deste jornal, algum do muito que por ahi se estraga em tanta puerilidade? É possivel que em França se possa sustentar um jornal especial para os caminhos de ferro, e que entre nós se não sustente um para os agricultores e para os industriaes e commerciantes? É mesmo possivel que em Portugal vivam e médrem dois ou mais jornaes de modas e figurinos, e que não haja um jornal agricola?

Desculpem-se-nos estas reflexões irresistivelmente cahidas da penna, talvez estranhas na apparencia ao assumpto de que nos propomos tratar, mas intimamente travados e ligados com elle, pela impossibilidade em que nos achâmos, de assentar nos limites d'este jornal uma questão tão vasta e importante.

Repetimo-lo. Folgâmos sinceramente de ter provocado com o nosso pequeno artigo, o muito bem escripto e noticioso artigo do Sr. Y. publicado em o n.º 13 da Revista. Apreciâmos sobre tudo a estatisca da nossa exportação de vinhos para o Brazil, durante o triennio de 1844 a 1846. É um trabalho precioso, e que, a ser exacto como suppômos, póde esclarecer e auxiliar muito a discussão vinicola. Confessa-

mos com a ingenuidade que nos é propria, que, posto tivessemos algumas vezes emprehendido este trabalho, nunca, a nossa situação pessoal, nem a irregularidade com que a folha official publica algumas estatiscas, no-la deixaram completar. Sabiamos porem que a exportação dos nossos vinhos para aquelle imperio tinha crescido consideravelmente: — ficamos esperando com impaciencia pelos mappas d'importação prometidos pelo Sr. Y., para compararmos esse argumento, com a diminuição progressiva da importação dos vinhos francezes.

Parece-nos que no artigo que escrevêmos, não enunciámos a opinião de ter diminuido o nosso commercio de vinhos para o Brazil. Quizémos demonstrar, que a concorrencia dos vinhos francezes — e n'esta classificação comprehendemos, de certo impropriamente, todos os vinhos sahidos do Mediterraneo conhecidos na America por *vinhos do Estreito* — que a concorrencia desses vinhos nos era fatal, e que nos deviamos esforçar por acabar com ella, aperfeiçoando como os francezes, a nossa cultura e industria vinicola. Os nossos productores queixam-se mui sentidamente dos baixos preços porque reputam os seus vinhos, e queixam-se sobre tudo da pouca procura que elles teem. Isto prova que ha poucos exportadores, e que não obstante a vantagem de preço dos vinhos portuguezes nos mercados do Brazil, sobre os vinhos do Mediterraneo, vantagem que o Sr. Y. atribue á sua superioridade natural, este commercio, é hoje muito arriscado e precario, porque se o não fôra, os capitaes se empregariam n'elle em maior escala.

O auctor do artigo hade concordar comnosco, que ainda não ha muitos annos, os vinhos do *Estreito* difficilmente obtinham no Brazil metade do preço dos vinhos superiores de Lisboa. Se os preços se teem aproximado gaadualmente, é claro, que houve aperfeiçoamento e melhoria progressiva no preparo dos primeiros, decadencia no credito dos segundos, ou preferencia para aquelles vinhos no gosto do mercado. Qualquer d'estas causas, não é facil de conciliar, com a annunciada diminuição na importação dos vinhos catalães e francezes. E ainda quando o seja, nem por isso entendêmos, que devâmos desistir do empenho de affastar esses vinhos dos mercados do Brazil, ou melhorando os nossos, ou competindo com vinhos eguaes, por preços inferiores, porque a França, e a Hespanha, não teem de certo um solo mais productivo, nem um clima mais apropriado a esta cultura do que nós temos. Que motivo habilitará pois, os francezes e catalães, a concorrer áquelles mercados com vinhos e repetimo-lo, mui aproximados aos nossos, como demonstra a aproximação dos preços? Será a barateza dos sallarios? a sua industria na cultura do vinho e no processo da vinificação? a opressão do imposto especial e injusto que entre nós pesa sobre o producto? a modicidade e rapidez nos transportes? a isempção d'alcavalla na sahida? Será tudo isto? Eis as questões que entregâmos á muito habil penna do Sr. Y. e sobre os quaes lhe pedimos, em nome da classe vinhateira, a aplicação dos seus reconhecidos estudos especiaes. Pela nossa parte, mostrámos um convencimento profundo, de que a nossa agricultura vinhateira, só se póde levantar e animar, alargando a esphera das nossas exportações — alliviando-a dos tributos que a vexam e oprimem aperfeiçoando-a industrialmente — melhorando a qualidade dos nossos vinhos, já procurando adapta-los aos palladares predominantes nos diversos mercados, já arremedando com empenho, e com assiduidade os differentes vinhos esquizitos — dotando o paiz de melhores vias de communicação — alentando e protegendo a nossa navegação, e nunca pensando, que a fundação de qualquer companhia, pode regenerar-nos d'este abatimento.

Em quanto á necessidade d'introduzirmos nos nossos vinhedos algumas das videiras mais conceituadas das que os desvellos e a industria incessante e proficua dos francezes, tem corrigido e aperfeiçoado, cada vez se nos arreiga mais profundamente em a nossa opinião, a conveniencia de a attender e satisfazer, sem pertendermos condemnar ao abandono, muitos e excellentes postos antigos que possuimos, e que infellizmente vão sendo proscriptos das novas plantações por não serem tão abundantes em producção como alguns postos modernos. Ainda quando não fosse um principio sustentado por muitos dos melhores enologistas o melhoramento das especies, na sua transplantação do norte para o sul; — ainda quando não tivessemos por nós a competentissima opinião do nosso amigo o Dr. Rubião (1), tinhamos o desengano da experiencia, e na presença d'ella deve emmudecer muito preconceito velho e caduco. O Sr. Rubião, na occasião d'analysar comnosco a celebre videira — *tinta de França* — (2) que nos esforçavamos para divulgar e fazer adoptar na Estremadura, fallou-nos de um posto muito similhante que conhecêra em França, no departamento do *Cher*, e que alli se distingue por uma cor extremamente carregada, e por certo arôma e maduro muito especial. Para o confrontarmos com a *tinta de-França*, mandámos vir alguns bacellos, e logo no primeiro anno conhecêmos, por meio da enxertia, que não obstante haver uma analogia muito aproximada, entre ambas as videiras, subsistia comtudo, uma superioridade no *tinturier*, e alguma differença na forma e na côr da parra — na configuração do cacho — na vide e até na producção. Será o *tinturier du Cher* um aperfeiçoamento da *tinta de França* descoberta entre nós pelo nosso fallecido amigo e vi-

(1) O Sr. Rubião dizia-nos em uma carta:
» os meus patricios do Douro são muito orgulhosos, e pen-
» sam possuir as melhores castas de videiras. Ha na verda-
» de, algumas muito acreditadas, como o *tourigo* e o *tinta*
» *francisca*, de que já mandei a V. alguns bacellos — e se-
» gundo um escriptor antigo e a tradicção, as melhores, vie-
» ram de França, quando se plantou a quinta do Roris, que
» pertence hoje á familia do barão do Villar. »

(2) Não podemos resistir á tentação de transcrever aqui algum periodo d'outra carta que o Sr. Rubião nos escrevêo sobre esta videira:

» Seja porem como fôr; o que é certo é que a *tinta de*
s *França* é um excellente posto, por produzir vinho precio-
» zo. N'este se encontra, o que o commercio e o palladar de-
» zejam encontrar; corpo, madureza, espirito, aroma e muita
» côr: esta é tal, que alguns não teem querido acreditar, ser
» ella natural.

» A *tinta de França* será conhecida no Douro?.....
».....
» Ora este posto é, ou não é conhecido no Douro. No primei-
» ro cazo os lavradores daquella provincia, não lhe tem dado a
» devida valia, e o tem substituido, em quanto á côr pela baga
» do sabugueiro: e no segundo é sem duvida uma prova do quan-
» to são escassos os conhecimentos entre os nossos vinhateiros,
» ignorando até o que ha de bom entre nós! »

sinho o Sr. F. J. de Carvalhoza? Será a *tinta de França* uma degeneração do *tinturier?* É questão que pouco importa exclarecer, cumprindo nos todavia declarar, que ambos estes postos são escellentes, e que o pouco vinho que este anno colhemos do *tinturier* é tão singular, que conhecendo nós muitos dos vinhos tintos mais exquisitos e apreciados na Europa, nem por isso hesitamos em considera-lo como superior a muitos d'elles, aperfeiçoado que seja, com uma pouca d'industria, e com alguma edade. É um vinho especialmente proprio, como a *tinta de França*, para tempero e adubo dos outros: rico de côr e d'aroma, e de todos os attributos e condições exigidas pelo commercio.

Escrevemos isto com receio de sermos tidos por exagerados, e se não respeitassemos tanto o modesto veo de incognito do Sr. *Y.* pedir-lhe-hiamos com instancia, que nos permittisse offerecer-lhe algumas garrafas d'este vinho, para o convencermos praticamente da conveniencia de colonisarmos as boas videiras francezas. Pela nossa parte, folgaremos sinceramente, de vêr ensaiada essa colonisação. Compete ao governo emprehende-la. Mas se elle o não faz, porque a não faremos nós?

Publicamos com este artigo, um mappa inédito que possuimos, confeccionado pelo Sr. Rubião, das castas de vides que elle considerava mais conveniente importar. É um trabalho importante, resultado do conhecimento pratico d'essas videiras, que o nosso distincto compatriota adquirira, durante a sua residencia em França, e do conselho de muitos enologistas e vinhateiros d'aquelle paiz, que consultára. Possa esta publicação fazer renascer e vingar a sociedade que projectavamos, e que a sua deploravel morte veio malograr.

O Sr. Y. entendeu do nosso precedente artigo, que pertendiamos exterminar a vinha dos terrenos baixos e fortes. Estamos longe de pensar assim e deplorâmos o abuso que se tem feito d'essas plantações, porque sentimos já os effeitos de uma desproporção inconvenientissima nas qualidades dos nossos vinhos. Essas qualidades podem geralmente classificar-se em tres escallas: *vinhos superiores*, proprios para exportação; *vinhos regulares*, proprios para o consumo interno ou local, e *vinhos inferiores*, proprios para destillação. Os terrenos baixos e fortes raras vezes produzem outros vinhos, que não sejam estes ultimos. Como não exportâmos agua-ardente, conviria manter n'uma proporção razoavel, as differentes tres classes da producção, e procurar sempre um augmento progressivo na colheita dos vinhos de 1.ª ordem, para augmentar a cifra da exportação, e para ter seguro o consumo da agua-ardente produzida pelo vinho de 2.ª e 3.ª ordem. É n'este sentido, que nunca cessaremos de aconselhar a adopção das boas videiras francezas — o aperfeiçoamento das nossas — o plantio em terrenos fracos, ellevados e expostos aos primeiros raios do sol, e o esmero na vinificação. Uma abundancia desregrada mata sempre a producção.

O Sr. Y. suggere no seu artigo uma idéa, que o Dr. Rubião me havia suscitado por muitas vazes, e para o desempenho da qual elle se apparelhava com quantos esclarecimentos podia colher. Referimo-nos á conveniencia de coordenar uma taboa monographica das videiras portuguezas, com a sua discripção botanica e enologica, e com a synomia correspondente. É um trabalho importantissimo, que só poderia ser empreendido com vantagem por uma sociedade agronomica, auxiliada pelo governo.

Comparando os vinhos de Collares aos de Bordeos, o Sr. Y é de opinião que nós podêmos ter vinhos iguaes, ou superiores, aos francezes. Sempre nutrimos essa convicção. Quem haverá ahi que, conhecendo a propriedade do nosso clima e do nosso terreno para esta cultura, se não encha de vergonha e de despeito, observando que dâmos aos francezes muitos contos de réis annuaes, pelo gôsto de vêr saltar ao ar a rolha de uma garrafa de vinho espumoso *(mousseux)?* E todavia nada ha mais facil do que fabricar esse vinho entre nós, tam bom, como o francez. Talvez a experiencia nos tenha auctorisado esta asserção.

A questão vinicola é, dizemo-lo outro vez, muito vasta para ser tractada tão fugitivamente. Não temos pertenções de a comprender e desinvolver em todos os seus topicos. Nem isso caberia nos limites d'este jornal, nem quando coubesse, nós satisfariamos a toda a sua indicação. Reconhecemos com sinceridade a nossa incompetencia, mas reconhecemos tambem, que em questões d'esta ordem, todos os contingentes e auxiliares são aceitaveis.

Reservavamos para um artigo especial, o demonstrar, que nós não só deixâmos de promover a exportação de nossos productos vinicolas, para os mercados estrangeiros, mas que deixâmos de explorar e até contrariâmos, pela applicação de um fisco absurdo e inconveniente, o consummo em algumas das nossas possessões ultramarinas. Visto porém que tivemos occasião de tocar esta especie, permita-se-nos que digâmos alguma coisa sobre ella.

As nossas possessões de Africa occidental estão consumindo bastante vinho. Este consumo tem crescido progressivamente, e alimenta, quasi só, o commercio um pouco importante que hoje conservamos com aquella parte do territorio portuguez. Era mister fomentar este commercio, dar com elle vida a uma provincia, naturalmente rica, mas pouco povoada, pela inclemencia e insalubridade do clima, e pelo abandono governativo com que tem sido tractada; ampliar e aproveitar este importante recurso de exportação e consumo, e finalmente entreter com elle a nossa marinha mercante.

E como pensaes que se entendem e satisfazem todas estas indicações economicas? — Elevando, em Angolla os direitos de importação sobre os vinhos nacionaes, de 400 a 4$800 réis, por pipa, além do imposto municipal de 1$000 réis! Protestamos energicamente contra essa medida, tomada ha pouco tempo, pelo governo d'aquella provincia, e pedimos aos ministros ou ás côrtes, que a façam revogar quanto antes. Não ha pretexto que a possa justificar na presença das razões de inconveniencias agricula e commercial, que tão alto bradam pela sua derogação. Se a receita publica alli não equival á cifra da despeza, proveja-se a esse *deficit* de outra maneira, ou circumscreva-se essa cifra pela reducção do pessoal, á receita realisavel, mas não se imponham 10 % de direitos sobre o nosso primeiro producto agricola. Podem argumentar-nos, que os direitos de importação pesam sempre sobre o consumidor; mas nós — que todavia declarâmos não partilhar essa opinião em toda a sua extensão — responderemos, que ou elles pezem sobre o productor ou sobre o consumidor, a decaden-

cia no valor do producto e a diminuição no consumo, são a consequencia logica e inevitavel d'esse erro.

Uma das causas mais influentes na depreciação dos preços dos nossos vinhos, é, como já dissemos, a desproporção ou desiquilibrio que subsiste nas differentes tres qualidades, em que acima o classificámos. A producção tem tido um incremento espantoso, mas, é preciso observar, que esse incremento se tem restringido aos vinhos de 1.ª e 2.ª qualidade. Quanto a nós, este phenomeno é devido á mania que n'outra parte fulminámos, de adoptar, quasi exclusivamente, na plantação de vinhas, postos muito productivos e terrenos baixos e fortes. O facto porém existe, e não é possivel remedial o senão exportando muita agua-ardente, visto que não consumimos quanta fabricâmos. Porque não concorrerêmos nós com as nossas aguas-ardentes aos mercados de Inglaterra, e não competimos ahi com as aguas-ardentes francezas? Serão as vinhas em França mais alcoolicas? A industria dos francezes na destillação, mais aperfeiçoada? Crêmos que não; mas se o forem, porque rasão nos não collocaremos nós a par d'elles n'uma e n'outra vantagem? Em todo o caso. Porque deixaremos de aproveitar as nossas possessões da Africa occidental, estabelecendo n'ellas o mesmo direito elevado, que se estabeleceu em Portugal, para a agua-ardente brasileira? Será difficil imitar com as nossas aguas-ardentes a boa *cachaça* brasileira? De certo não é, e se obtivermos os dados estatisticos que mendigamos, e que ainda não podémos conseguir, não nos será tambem difficil demonstrar, que por um descuido imperdoavel, despresamos um recurso de consumo correspondente a muitas mil pipas de vinho.

*P. R. Fonseca.*

**MAPPA DAS VIDEIRAS QUE O SR. DR. F. I. P RUBIÃO ENTENDIA QUE SE DEVIAM MANDAR VIR DE FRANÇA, POR SEREM DAS CASTAS MAIS ACREDITADAS, PELOS SEUS PRODUCTOS N'AQUELLE PAIZ.**

| | | |
|---|---|---|
| Ardéche..... | Grosse roussette..... | Produzem os vinhos brancos de *Saint-Péray*. |
| » | Petite roussette..... | |
| » | Grosse sirrah..... | » vinhos tintos de *Cornas et Saint-Joseph*. |
| » | Petite sirrah..... | |
| Aude..... | Blanquette ou clairette..... | » vinho espumoso, *blanquette de Limoux*. |
| Charente..... | Folle jaune..... | » vinhos de que se faz o *Cognac*. |
| » | Folle blanche..... | |
| Cher..... | Tinturier..... | » vinho muito carregado de côr e aromatico. |
| Côte d'Or..... | Noirieu ou pineau franc..... | » vinhos tinttos de *Burgonha*. |
| » » | Pineau de Borgogne..... | |
| » » | Beuret..... | |
| » » | Pineau gris..... | » vinhos brancos de *Mont-Rachet*. |
| » » | Pineau blanc..... | |
| Drôme..... | Grosse Scyras..... | » vinhos tintos de *Hermitage*. |
| » | Petite Scyras..... | |
| » | Grosse roupette..... | » vinhos brancos de *Hermitage*. |
| » | Petite roupette..... | |
| Gers..... | Pique poule blanc..... | » vinhos de que se faz a *Armagnac*. |
| » | Clairet..... | |
| Loire-et-Cher..... | Cahors de la cote du Cher.. | » vinhos muito cobertos. |
| » » | Gros noir..... | |
| » » | Cahors de la cote du Grounets | |
| Lot..... | Auxerroix..... | » idem idem |
| Marne..... | Rouge doré..... | » vinhos de *Champanha*. |
| » | Blanc doré..... | |
| » | Petit plant doré..... | |
| » | Gros plant doré noir..... | |
| » | Gros plant gris..... | |
| » | Petit blanc..... | |

| | | |
|---|---|---|
| Pirénées orientales. . | Grenache rouge . . . . . | Produzem os grandes vinhos do *Ropilhão.* |
| » » | Mataro . . . . . | |
| » » | Crignane . . . . . | |
| » » | Pique poule noir . . . . . | » bons vinhos. |
| » » | Pique poule gris. . . . . | |
| » » | Terret. . . . . | |
| » » | Grenache blanc . . . . . | |
| » » | Malvoisie . . . . . | |
| » » | Muscat alexandrin. . . . . | » vinhos moscateis de *Rivesaltes.* |
| » » | Muscat roud-blau . . . . . | |
| » » | Muscat Saint-Jacque. . . . . | |
| Haut Rhin . . . . . | Tokai gris | |
| » » | Rinling blanc | |
| Rhône. . . . . | Serine noir . . . . . | » vinho tinto de *Côte-Rotée.* |
| » | Viounier blanc . . . . . | » vinho branco de *Coudrieux.* |
| Yonne. . . . . | Pineau blanc . . . . . | » vinho de *Chablis*, que se bebe sobre as ostras. |
| Gironde. . . . . | Carmenet . . . . . | » vinho de Bordeos. |
| » | Carmenère . . . . . | |
| » | Malbek . . . . . | |
| » | Petit verdot . . . . . | |
| » | Merlot . . . . . | |
| » | Eros verdot . . . . . | |

*Uva para comer.*
Chapellas de Fontainebleau (*).
Saint-Pierre blanc de *Allier.*

# PARTE LITTERARIA.

## O PRESO. **

### XVIII.

343 A affeição destes homens, com quem vivo, causa-me tanto horror, como o seu odio.

Caso estranho! A força é o idolo dos criminosos.

Os assassinos e ladrões não conhecem outro poder.

O que elles admiraram em mim, é mais força de animo; força que nasce dos successos, do que esse esforço dos membros, que só depende do acaso.

Malvados! Faltava-me ainda esta affronta! Nem me posso lembrar de tal...

Foi das provas mais duras, porque a minha alma tem passado.

Ouvi calumniar o meu casto amor.

Vi, que o nome, tam puro, de Margarida, saía manchado, com a infamia, dos labios immundos destes perversos.

Ainda não sei, como aquella carta, em que tinha posto tantas esperanças, me desappareceu dentre estas paginas.

Fosse como fosse, perdi-a; e bem diz o rifão, que debaixo dos pés se levantam os trabalhos.

Só por milagre não tenho a esta hora a minha alma manchada com sangue.

Sancto Deus! O que é a vida! Entrar um homem innocente para a cadêa, e correr o risco de se transformar ahi em um criminoso!

Fugiu-me a vista dos olhos; senti resfriar, em um momento, todo o corpo; até parecia que me estavam arrancando os cabellos, quando percebi que a carta, que escrevi a Margarida, estava sendo lida entre as pragas e os improperios mais atrozes. Corri para o grupo dos presos, que ao interromper a leitura, olhavam para mim com escarneo.

Nem me posso recordar do que então ouvi. Foram as palavras mais terriveis, que me teem chegado aos ouvidos.

(*) Já temos este posto em Portugal.
** Vem do n.° 18.

Margarida!.... conheci mais uma vez como te amo!

Os braços pareceram fugir-me do corpo, e as minhas mãos convulsas e interiçadas, como se a morte estivera apertando-me o coração, tocavam a carta, que eu ía arrancar do poder d'esses infames, quando senti um braço suster-me na carreira, como se um arco de ferro estivesse cingindo-me o peito. Olhei para o homem, que tão fortemente me tolhia o passo; — não o pude vêr, porque olhava para tudo, e não via nada. — Disseram-me depois que era o juiz, o assassino mais valente da cadêa. Elle e outros se me rojaram aos pés, porque a furia que se apoderára de mim os vencia mais pelo espanto do que pela força.

A vozeria dos prezos fez acudir os guardas e o carcereiro.

Durante a lucta tinha sentido algumas dôres agudas e rapidas atravessarem-me o corpo. — Ao voltar a mim, vi que estava ferido, em mais de um sitio; — as facas tinham brilhado em volta do meu corpo, sem que eu as visse.

O acaso me salvou da morte.

Como o juiz foi o primeiro que lancei por terra, os presos, que na maior parte o odiavam, aproveitaram a occasião para covardemente se vingarem; e mal que o viram por terra cahiram sobre elle como abutres.

Talvez o matassem se de fóra não acudissem a tempo.

A carta ficára em meu poder, rasgada e amarrotada. Aquelles braços que, havia pouco, se tinham levantado contra mim, pertendiam abraçar-me, como digno da sua admiração, por ser um dos mais valentes da prisão. Desgraçados!... que o coração e os homens perderam a esse ponto!

O juiz, que veio comigo para a enfermaria, e que aqui se conserva ainda, não cessa de me louvar, fallando com os outros presos. Chega a asseverar, que tem pena, de que só ha pouco eu tivesse occasião de me dar a conhecer, pois déra provas de ser um companheiro merecedor de estimação.

Se os presos não estivessem todos confundidos, se a policia da cadêa não fosse entregue aos mais criminosos, não teria eu corrido o risco de vêr para sempre perdida a minha vida, e todas as minhas esperanças, por causa de um crime que involuntariamente poderia commetter.

Ai!.... Margarida!.... bem sei que a realidade te custaria tanto como a suspeita, que a voz do povo quiz levar ao teu coração!

Haverias de perdoar-me, imaginando o que eu padeci, vendo profanar o mais santo, o mais puro dos affectos.

Todo o amor, que póde caber no coração, todo eu te consagra!...

Eras a prisão unica que me podia prender á terra, fazendo florir de novo as flores da existencia, quando houvessem morrido todas junto da sepultura de meus paes!

Eras... e ainda o has-de ser, porque Deus não permittirá que eu assim perca o anjo, que pareceu descido do céu, para me revelar, que só a mulher póde alegrar o valle de lagrimas, por onde se arrasta a vida!

Não era mister haver inferno, se as mulheres faltassem no mundo.

Meu pae aqui vem todos os dias.

Ao menos a enfermaria tem este desabafo. Os doentes são tractados com pouco cuidado. — Os facultativos fazem a visita mais por cerimonia, do que por dever; mas é a melhor caza da cadêa: está desafrontada. A vista espraia-se pela cidade, que em immensas cazas se desinvolve pela beira do rio, e gosta de fitar-se nas montanhas escuras e tristes, que ficam sobranceiras ao Téjo.

Quando teve o desgosto de saber do acontecido, já vinha bem amargurado da sua vida. Intendeu tam mal como eu o tal libello. Foi ter com o juiz, lançou-se-lhe aos pés e pediu-lhe que não estivesse assim previnido contra um innocente.

O juiz disse que nada tinha com esse papel. Mas no fim de tudo, a questão é só de pessoa, porque o attentado contra a rectidão da justiça existe nas palavras, e não em quem as assigna. Não é o juiz, mas é um homem a quem chamam delegado, que deve expor os factos e não altera-los.

O papel diz, que eu matei, sem ser em justa defensa.

Ora ha duas calumnias nestas palavras.

Uma, que é o accusarem-me de assassino, póde ter desculpa porque os indicios o auctorisam: a outra é só consequencia dessa atrocidade, com que tudo quanto diz respeito á justiça considera o homem, que tem a desgraça de entrar nesta triste caza.

Sinto-me enfraquecido pela perda de sangue.

Vae para uma semana, e só hoje pude escrever estas linhas, que já me custam a acabar.

*(Continúa.)*

---

**PASSEIO DO EMIGRADO NO PÉRE LA CHAISE EM PARIS NO ANNO DE 1837.**

344 Somos chegados, Natercia,
Da morte á muda cidade,
Onde se palpa da vida
A phantastica vaidade.

Entremos no vasto alvergue
Das extinctas gerações,
Onde a mão de Deus nivella
As sociaes distincções.

Aqui acaba o tumulto
Da vaidosa capital;
Suas festas, seus prazeres
São silencio sepulchral!

Os homens são aqui sombras!
Os palacios mausoleus!
As cupulas d'esta cidade
São a abobada dos ceus!

Entre estes mudos despojos,
Entre estes tropheos da morte,
Meditar vamos, Natercia,
Sobre a humana triste sorte.

Melancholicos cyprestes
Juncto aos jazigos plantados
Projectam pallidas sombras
Na morada dos finados!

Á porta da eternidade
Sentinellas silenciosas
Afastam os filhos do homem
D'estas regiões luctuosas. —

Esta mansão simpathisa
De nossa alma co'a tristeza —
Traja aqui pezados luctos
A severa natureza....

E o crepusculo da tarde
Espalha um santo horror
N'esta habitação das sombras,
N'estes sitios de terror. —

Aprende-se aqui c'os mortos
A christã-philosophia;
Valem longas reflexões
Pensamentos de um só dia. —

Tudo aqui nos diz quem somos —
E o que depressa seremos —
A origem donde viemos,
E o fim para que tendemos. —

Gravada está n'estas campas
A historia da vida humana;
Foram pó, e em pó se tornam
As glorias da vida insana.

O culto, que aqui se rende
Ás cinzas d'estes finados,
Consagra doces memorias
Dos tempos, que são passados. —

Além sentido epitaphio....
Aqui saudosa inscripção....
São d'amizade e ternura
A derradeira expressão.

Primor d'arte se levantam
Lá fastosos mausoleus —
Quer o orgulho até na campa
Ostentar os vicios seus!

Não são marmores são flores
D'outras campas o ornamento;
Naquelles brilha a vaidade,
Nestas geme o sentimento.

Áquelles só se aproxima
Distrahido viandante,
Nestas sempre vês luctuozos
Pae, a esposa, o amigo, a amante.

Os ais da dôr e da angustia,
Os gemidos da saudade,
São o incenso, que aqui queima,
A mão da doce amizade. —

Debaixo daquella Acacia,
Ha pouco tempo plantada,
Não vês uma gentil dôna
No frio marmor sentado?

É uma mae... sobre a campa
Este epitafio has-de lêr. —
« Contava apenas tres lustros
« Sou mãe — e vi-a morrer! »

É uma mãe que além chora
A filha do coração...
Não ha affeição que chegue
Á maternal afeição:

Só no céu é que se encontra
O typo de tal teruura —
'Stá na mente do creador
Que assim ama a creatura! —

Mas juncto daquelle cedro
Em frente de nós não vês
Joven esposa, que traja
Os luctos da viuvez?..

Pobre viuva!.. traz n'alma
O dó de que anda vestida! —
Não ha balsâmo que cure
Uma tão funda ferida! —

Ei-la! lá 'stá reclinada
Sobre o saudoso moimento! —
Nos olhos da côr da noite
Se desenha o seu tormento —

Ai! como geme! — é formoza!
Que int'ressante pallidez! —
Inda a dôr a faz mais bella
Do que o proprio amor a fez. —

Assim no lascado tronco
A triste rola pousada
Chama o morto companheiro
Com voz triste e magoada;

E o leal, ausente amigo,
O fiel meigo consorte
Ouve a voz da companheira
Na muda mansão da morte! —

Não vês pender-lhe uma lagrima
Da face triste e luctuosa!...
Assim a gota do orvalho
Pende da folha da rosa.

Attende — lá volve agora
Para o Céu olhos magoados...,
A oração abranda n'alma
Pungentes duros cuidados!

Em seu extasi celeste
Como é bella aquella dôr!
Faz-nos crêr, meiga Natercia,
Na eterna paixão de amor! —

Não 'stá no bello das fórmas
A poesia da belleza;
'Stá nos dons celestes d'alma,
Que te deu a natureza! —

Agora, neste momento,
Nem eu sei quem é mais bella!...
Serás tu, que eu amo tanto?
Ou será acaso ella? —

Para evitar que nos veja
Vamos por esta avenida —
P'ra quem tem o lucto n'alma
É a solidão querida. —

Sentado n'aquella loisa
Um velho vejo alquebrado;
Das tempestades da vida
Parece bem açoitado!

Grave ancião!... talvez medite
Na perda do antigo amigo...
É solemne a sua magoa —
Não chora — nutre-a comsigo.

No rosto de cans coroado —
Imagem bella de Deus! —
Ressumbra pallida sombra
Dos surdos desgostos seus.

Desgraçado, que assim gemes
Mitiga a tua saudade!
Amanhã seremos todos
Na mansão da eternidade!

E o sepulchro, que comtemplas
Em tua extatica dor;
E' a porta que conduz
A essa região de amor!

Mas deixemo-lo entregue
A seu doce devaneio —
Chora — que é doce o chorar
D'amizade sobre o seio. —

Agora ao tumulo sancto
Vamos dos bons amadores —
Sentem-se alli mais suaves
Do infortunio os rigores.

Alem 'stá — gothica fabrica
O faz distinguir dos mais —
Unidos os dois amantes
Inda de amor dão signaes.

*Heloise e Abeilard* se lê
Na já sumida inscripção!....
Quem não sente ao ler taes nomes
Palpitar-lhe o coração! —

E' nas loisas corroidas
Deste famoso moimento
Que tu podes ler a historia
Do meu ignoto tormento! —

Na vida não pôde uni-los
Sancto amor em laço estreito —
Junctou-os depois de mortos
Piedosa mão n'um só leito.

Ei-los! alfim são ditozos....
Não chores o fado seu —
Mas as penas, que soffreram,
Soffre-as hoje o amigo teu!

Fez o Céu aquellas almas
P'ra serem amalgamadas —
Mas por lei e orgulho de homens
Foram, que dor! separadas.

Oh Natercia, oh doce amiga!
Como é dura a nossa sorte!
Separados um do outro
Talvez nem nos una a morte!

Não vês tu, anjo do Céu,
Quanto pena o teu amigo! —
Que não dera elle por ter
Uma só campa comtigo!....

E abraçado á tua sombra,
Vivendo extincto a teu lado,
Gozar no seio da morte
O que hoje lhe nega o fado!

*J. M. Grande.*

# NOTICIAS.

## ACTOS OFFICIAES.

31 DE MARÇO A 11 DE ABRIL.

*Diario n.º 78.*

345 Portaria do ministerio da justiça de 24 de março de 1848, ordenando uma severa fiscalisação nos bens das confrarias e ordens religiosas; e mandando indagar se em todos os contractos feitos desde 1834, com as confrarias e ordens religiosas se teem executado as formalidades da lei.

*Dicto n.º 80.*

Proposta de lei appresentada ás cortes para se venderem varios bens, na posse de donatarios vitalicios, em notas do Banco de Lisboa, com o fim de as amortizar. — Outra proposta para se poderem vender alguns bens pertencentes á Universidade de Coimbra em moeda corrente do paiz, sendo metade deste producto para o fundo de amortisação e a outra para amortisar as notas. Outra prorogando por mais seis mezes a remissão dos foros, censos, e pensões de que está de posse a fazenda publica, e applicando o seu producto como a proposta acima.

Aviso da Thesouraria Geral marcando o preço de 2.360 réis por cada nota do Banco de Lisboa.—Auto de amortisação e queima de notas do Banco de Lisboa feita pela Junta do Credito Publico no valor de 145:599$600 réis.

*Dicto n.º 81.*

Carta de lei auctorisando o governo a realisar até á quantia de 500:000$000 de réis, sobre os rendimentos da decima e impostos annexos de 1847 a 1848.

*Dicto n.º 83.*

Estado do Banco de Portugal em 31 de março.

| | |
|---|---|
| Notas do Banco de Portugal em circulação. . . . . | 35:090$000 |
| Depositos — moeda metalica . . . | 162:683$108 |
| Numerario metalico em caixa. . . | 266:797$435 |
| Prata além do dito numerario. . . | 13:355$200 |

## A QUARESMA EM LISBOA.

346 O confessionario não tem estado de todo desamparado, apezar de que poderia e deveria ser mais procurado.

Tem havido as praticas do costume em differentes parochias. — É pena, que os prégadores e o auditorio não tornem de mais importancia, para a gloria da religião, esta épocha, por tantos motivos aproveitavel, para mostrar a Cruz triumphante, atravez do véu rasgado da impiedade e da indifferença.

## THEATRO DE D. MARIA II.

### A SOBRINHA DO MARQUEZ

Comedia em 3 actos pelo — SR. ALMEIDA GARRET.

347 A apparição da SOBRINHA DO MARQUEZ no theatro nacional excitou, e devia forçosamente excitar graves conflictos, como todas as obras d'um homem de genio. O publico está affeito á innocencia e á virtude do melodrama, não é muito que estranhasse aquella figura tão garboza, tão senhoril e tão nossa, que o poeta teve a coragem de lhe apresentar, em contradicção flagrante com as tradicções e os habitos da platéa. A sobrinha do Marquez não é uma sobrinha amaneirada e convencional, de modestia problematica e ingenuidade duvidoza, que arrebica um galanteio semi-espirituoso, ou que ameaça envenenar-se a cada desastre d'um amor estafado — é uma menina do seculo anterior, educada nas fidalguias do tempo em que havia fidalgos, creada com os retratos sevéros da sua familia: o convento não fez senão penetral-a do sentimento da sua dignidade, e uns assomositos de orgulho de raça não ficam de todo mal ás suas gallas e donaires, nem tão pouco aos seus 18 annos, 19 que sejam, vá até que sejam 20, como diz a boa da tia Monica, a tia velha mais falladeira, mais dona de caza, mais aia de donzellas, e mais irmãa d'um mercador da rua Augusta, que eu tenho visto em dias de minha vida. Mas que hade ser! a sobrinha do Marquez não affecta graças temporãs, não joeira phrases alambicadas, não encobre as repugnancias da sua creação e principios, quando encontra o plebêo no que suppozera nobre, não ostenta condescendencias que não podiam estar nos seus instinctos, não acha, em summa, um grito de abnegação e de profundo afecto senão quando uma situação suprema lho sollicita: a sobrinha do Marquez emfim não se parece com as outras sobrinhas de tios banaes, que formigam por ahi em quantas comedias a pastel, e em quantos dramas bastardos nos mandam lá de fóra. Era pois natural que o povo se espantasse, porque a multidão vive geralmente do costume, e o costume, n'este caso, foi intimamente afrontado.

Mas que nos importa, a nós? a obra do Sr. Garret nem por isso deixa de ser mais um formoso padrão para o seu nome e para as nossas letras. É uma bella pagina, e, o que é mais ainda, uma pagina nacional. Ha alli individualidade, ha vida espontanea e sincera, vida nossa, vida portugueza, vida do nosso lar— ha a vida que ouvimos contar a nossas mães e avós nas suas complacentes reminiscencias da mocidade. Era assim que devia ser a casa e familia d'um d'aquelles honrados logistas, lisos e chãos, geralmente conhecidos pela denominação typica de «pés-de-boi.» Era aquelle o viver intimo da abastança peã. Não falta nada: o conchego, o regalo, um certo ar de aceio escrupuloso e de garridez festiva, uns traços fugitivos e voluntarios de uzanças pictorescas que ainda o tempo não dilluiu de todo, um sabor de intimidade suave; tudo isto se respira alli. É a verdade que falla e vive, já nos temores caseiros da tia Monica, que é a tia da minha predilecção; já na severidade burgueza do austero Simões; quer no mysterioso poder do padre Ignacio, quer na soberba familiaridade do Marquez; assim nos amores senhoris da donzella, como no affecto immenso do mancebo. É tudo verdadeiro, se exceptuarmos todavia, o caixeiro politico, o berças tribuno, que nos parece, uma invenção de hoje, um aperfeiçoamento devido á nossa civilisação actual.

A SOBRINHA DO MARQUEZ é uma galeria de retratos, surprehendidos nas suas naturaes attitudes, copiados com uma fidelidade de daguerreotypo.

Atravez do pensamento da verdade intima, transluz porém o pensamento da verdade politica. O artista deitou um véu sobre o philosopho, sem o poder esconder de todo. A idéa familia, e a idéa patria deram se as mãos para tecer um todo, em que uma e outra podessem bor-

dar n'um estylo, sincera e lhanamente portuguez, com palavras e coisas d'esta terra, um brasão de nacionalidade estreme e verdadeira. Debaixo da roupeta negra do jesuita esconde-se um grande principio social, uma concepção ampla e forte, um agente moral, que, apesar de involvido nas distincções subtis, nas argucias theologicas e nas tergiversações escollares, nem por isso deixa de ter peso e valia: d'entre os punhos bordados do Marquez de Pombal sahe a mão poderosa que deu impulso a uma era nova, que tentou equilibrar as jerarchias sem destruil-as, e que se atreveu a abrir um caminho, ainda desconhecido em Portugal. A comedia, aqui, torna-se drama, e drama do mais alto interesse, porque significa uma grande catastrophe politica e porque representa a sorte, o futuro, o problema d'um povo. N'aquelles dois homens, dentro d'aquelles dois homens, sob o velludo e a estamenha peleja-se uma batalha de Titaens, são duas sociedades, duas formulas supremas, dois symbolos immensos que se contendem — e os dois homens, que os resumem, sabem comprehender-se, medem se e avaliam-se: são dignos um do outro! — Ao fundo está o povo com os seus instinctos!

E é este quanto a mim o verdadeiro assumpto, o ponto capital da obra do Sr. Garrett. O drama está na lucta dos dois interesses rivaes. O quadro é isto; o mais é uma illuminura graciosa, uma tarja magnificamente collorida, um arabesco cheio de ingenuos perfis.

Tem-se feito por ahi muita critica, sem critica, e muito juizo, sem juizo. Eu, por mim, não sei como se possa apreciar uma obra destas com tanta precipitação e leviandade — não sei, sobre tudo, como se possam, sem as pensar primeiro, julgar as vigilias do genio, e dizer: isto é bom, isto é mau, sem primeiro ter pesado o bom e o mau, e sem se ter previamente demonstrado onde está o mau e onde está o bom. Lança-se uma duzia de linhas ao papel, formúla-se uma sentença, flagella-se uma reputação, e os lictores deste proconsulado litterario ficam muito satisfeitos julgando ter cumprido uma obra meritoria. Mas onde esta o jury? como julgou elle? collocou-se acaso no ponto de vista do auctor? mediu bem, como juiz, os prós e os contras? argumentou na sua razão contra as suas prevenções? penetrou-se finalmente d'aquella imparcialidade austera que é a primeira condição da justiça? Se o não fez, com que direito vem pronunciar uma decisão d'estas? Póde-se desculpar o juiz que se engana, porque é homem: é imperdoavel o juiz que não medita, porque não é juiz! Estas eminentes funcções não pódem ser tractadas de leve: será propriedade menos sagrada o nome e a fama d'um homem do que e seu relogio, ou o seu dinheiro? será por tanto logico e rasoavel que a primeira seja irreflectidamente, impunemente offendida, quando a sociedade castiga e despresa as offensores da segunda?

É preciso que o saibam todos: a critica não é irresponsavel; a critica não é o arbitrio de uma impressão, é o resultado de uma avaliação justa e sincera. Se não póde ser infallivel, não deve, ao menos, ser leviana. A férula despotica dos pedagogos enfatuados é já hoje um anachronismo.

A obra do Sr. Garrett foi satisfatoriamente desempenhada por todos os actores, que rivalizaram em zelo e boas diligencias. As honras da representação parece-me, porém, caberem, com justiça, ao Sr. Assiz, encarregado do papel de mais responsabilidade o do marquez, e que, no seu desempenho, deu provas de muita intelligencia e discrição.

Póde dizer o que quizer a novissima censura — a obra do Sr. Garrett, se não ficar no reportorio das platéas, ha-de seguramente perpetuar-se no archivo de todos os que lerem... e souberem lêr!

*Mendes Leal.*

---

**MACROBIO ILLUSTRE.**

348 No dia 6 pelas 5 horas da manhãa morreu nesta cidade o Ex.° Sr. Tenente General Pedro Folque. Aos 30 deste mez completava 105 annos.

De serviço contava mais de 70!

Ha pouco tempo ainda montava a cavallo perfeitamente. Conservou todas as faculdades até ao ultimo momento. Ao cabo de tam larga carreira deixou uma memoria respeitada.

---

**PRAÇA DE LISBOA.**

12 DE ABRIL.

349 O mercado dos papeis de credito continúa paralizado. — Fundos publicos de 5 por 100 a 47 por cento, tem-se realisado poucas transações. — Acções do Banco de Portugal offerecem 390$000. As acções sobre o fundo de amortização, procuram-se por 47 por cento. Os bilhetes admissiveis nas alfandegas desceram. — Desconto de notas 2$750 por moeda.

---

**PARTIDA DO SR. MOESER.**

350 Consta-nos que o Sr. Moeser parte para o Porto. — Deixa-nos saudades e a todos quantos admiraram o raro genio com que Deus o fadou, para com a sua rebeca maravilhar a imaginação. Os prodigios do seu talento hão de ser tão bem avaliados, na segunda cidade do reino, como aqui.

O Sr. Moeser, além de ser eximio artista, é um perfeito cavalheiro. A mais escolhida sociedade de Lisboa, que enthusiasticamente o applaudia no theatro, quando os sons magicos da sua rebeca vinham echoar na alma, recebia-o depois nas suas salas, como o homem que pelo genio e pelo tracto sabe merecer uma geral consideração, que já em pouco tempo faz saudosa a sua ausencia.

O Porto não será por certo menos justo do que a capital.

---

**ERRATA.**

Na poesia do Sr. Silva Leal, a pag. 213, lin. 6, o verso:

*Quando da prole no biquinho*,

deve lêr-se:

*Que da prole no biquinho*

—

Na pag. 199, col. 1.ª, lin. 58, em vez de *mil milhas*, lêa-se *milhas*.

Na mesma pag., col. 2.ª, lin. 38. 42 e 47, em vez de *protococeus*, lêa-se *protococcus*.

Na mesma pag. e col. lin. 50, em vez de *n'esta*, lêa-se *d'esta*.

—

No Estado do Banco de França, publicado em o numero anterior, em logar de — *Reservas em terras* — lêa-se — *em predios*.

—